

VINE, Angus (2025). *Early Modern Merchants and their Books*. Oxford: Oxford University Press, 432 pp., ISBN: 9780198881636.

A contribuição das comunidades mercantis para a circulação do conhecimento durante a época moderna tem vindo a ganhar espaço na historiografia das últimas décadas, propondo uma interpretação que atribui a esses agentes um papel mais ativo e que desafia a noção de que a produção intelectual partia apenas das esferas cortesãs e académicas. A mais recente obra de Angus Vine apresenta uma análise minuciosa da produção textual mercantil e do seu enquadramento no humanismo, evidenciando a permeabilidade entre práticas comerciais e formas de construção do saber.

Com formação em Cambridge, onde também desenvolveu investigação, Vine exerce atualmente funções na Universidade de Stirling, incluindo a coordenação do programa de English Studies. O seu percurso demonstra uma especialização na história da cultura material, da circulação do conhecimento e das práticas de escrita e de edição. Este estudo decorre de um projeto de investigação financiado pela British Academy e concretiza-se em oito capítulos, cada um composto por vários subtítulos, acompanhados de uma introdução, uma *coda* e um índice onomástico que juntos compõem um contributo determinante para a história do livro e para a história cultural e intelectual.

À introdução o autor atribui o subtítulo “The Merchant’s Two Cultures”, que enuncia aquele que será o fio condutor da obra: o entrelaçar do mundo mercantil com a cultura literária. Os manuscritos são, para o investigador, uma das oportunidades de interpretação mais ricas sobre os interesses, gostos e consumo cultural deste grupo, o que se reflete na seleção das fontes analisadas. Embora se reconheça que as principais preocupações destes agentes seriam mercantis, é na escrita – desde correspondências a obras publicadas – que se entrevê encontros linguísticos, materiais e intelectuais. Essencialmente, o autor argumenta que o fosso entre o humanismo associado às universidades e às elites e as práticas escritas ligadas aos meios mercantis é menos profundo do que a historiografia do século XX sugeriu.

Os primeiros dois capítulos funcionam como uma contextualização do desenvolvimento da prática textual no seio das comunidades mercantis. A partir da explicação do método veneziano de contabilidade e dos seus reflexos nas práticas textuais e materiais, Vine apresenta as transformações que permitiram a este grupo documentar as suas relações comerciais e gerir os seus bens com maior eficácia. Produções escritas como diários e livros de contabilidade exprimiam um saber prático indispensável à credibilidade e à confiança nas

redes comerciais, funcionando simultaneamente como espaços de cristalização de conhecimento.

Segundo o autor, a aprendizagem do ofício mercantil assentava em técnicas pedagógicas de matriz humanista que moldavam tanto o conteúdo como a forma desses textos. Não obstante a solidez desta contextualização, a análise poderia ter dialogado de forma mais profunda com os estudos sobre o ensino e o papel das escolas ligadas às companhias mercantis enquanto expressões de filantropia, assim como primeiro espaço de contacto dos jovens mercadores com saberes práticos e com referências de formação humanista.

Contudo, os manuais e livros técnicos estavam longe de constituir as únicas formas de produção textual com que os mercadores contactavam. Vine examina como a concentração de riqueza abriu espaço para interesses literários e culturais, algo que se refletiu tanto nas obras que colecionavam como na sua própria produção escrita. Entre o seu património material surgiam livros de poesia ou textos de meditação que seriam associados às elites ou a círculos eruditos, numa cultura do livro que se manifestou nas práticas devocionais, no lazer e na aprendizagem e que permite compreender os mercadores como leitores, escritores, colecionadores e correspondentes que partilhavam conteúdos e referências literárias de matriz humanista entre si.

A investigação prossegue com a conexão entre os registos comerciais e a composição literária através de uma abordagem micro-histórica. Por exemplo, ao centrar-se na figura de um mercador, John Sanderson, colecionador e compilador que documentou com minúcia o seu negócio e o curso da sua vida, o investigador dissecou como a sua produção literária refletiu técnicas de escrita mercantil e como ambas revelaram uma preocupação coeva com a memorialização da vida e dos interesses pessoais. Estes registos literários e comemorativos traduziram, segundo o autor, hábitos característicos do mundo mercantil e permitem compreender a valorização, entre mercadores influentes, da produção de narrativas extensas sobre si próprios. Em vários momentos, porém, a relação entre estes materiais e o humanismo permanece relativamente nublada. O capítulo demonstra de forma convincente a densidade e variedade da escrita de Sanderson, mas nem sempre esclarece, para o leitor menos familiarizado com o debate, em que medida essa produção pode ser qualificada como humanista e segundo que critérios se distingue de outras formas de autoescrita.

Vine abre o quarto capítulo com o estudo das doações de Lewes Roberts, mercador galês que contribuiu materialmente para o Jesus College em Oxford. A partir desse conjunto, o autor reconstrói o horizonte intelectual do doador e evidencia a articulação entre conhecimento mercantil, preocupações literárias

e interesses teológicos. A sua principal doação foi o exemplar daquela que pode ser tomada como a sua obra maior, *The Marchants Mappe of Commerce* (1638), que Vine apresenta como o manual mercantil mais completo do seu tempo. O autor dedica a este tratado parte substancial do capítulo, explorando-o em detalhe e comparando-o com manuais anteriores. Em conjunto com produções posteriores de Roberts, constrói uma reflexão direta sobre aquilo que designa por humanismo mercantil.

Já a partir do caso do mercador Walter Mountfort, o autor analisa como as suas preocupações e a sua perceção do mundo eram moldadas pelo universo mercatório, mas exprimidas através de práticas textuais marcadas pela tradição universitária. Esta secção concentra-se na peça de teatro que compôs e examina o modo como nela se articula a cultura comercial com a cultura intelectual do século XVII.

Nos últimos dois capítulos, o autor analisa os casos dos mercadores Marmaduke Rawdon e James Boevey. Os seus manuscritos sobreviventes evidenciam interesses literários, históricos, antiquários e de história natural, articulados com os registos das suas vidas e trajetórias comerciais, reafirmando assim a tese central deste estudo. No caso de Rawdon, os seus escritos, conforme o próprio indica, tinham a intenção de o apresentar como um mercador observador, colecionador de peças singulares e produtor de conhecimento, trazendo para a Grã-Bretanha o fruto das suas observações. Essa postura aproxima-se, em vários aspetos, do *Parasceue ad historiam naturalem* de Francis Bacon e contribuiu para projetar a sua família no círculo da *gentry* inglesa, transformando-o numa figura de mercador humanista dotado do peso social e cultural associado a essa condição. Por fim, o autor dedica uma atenção excepcional ao legado escrito de Boevey, destacando como as suas reflexões e contributos sobre a educação se alinharam com os movimentos pedagógicos do século XVII. Concorda-se com a conclusão do autor de que Boevey representa um expoente, ou talvez o melhor exemplo, da interseção entre comércio, literatura e conhecimento nesta obra.

Ainda que os casos analisados sejam ricos e variados, a opção de articular a análise em torno de estudos de caso incorre, por vezes, numa organização interna menos coesa. Uma estrutura orientada segundo a tipologia de produção escrita e intelectual destes mercadores teria conferido maior congruência ao conjunto, permitindo a um leitor menos especializado acompanhar as linhas de argumentação e as conclusões de forma mais clara. Ademais, embora o foco britânico seja perfeitamente compreensível à luz das fontes, esse recorte confere ao livro um carácter algo anglocêntrico e de reduzido diálogo com outras tradições mercantis europeias. Teria sido benéfico explicitar esse enquadramento

geográfico de forma mais clara na introdução ou demonstrar que o conceito de “humanismo mercantil” não se limitou aos contextos britânicos¹.

Não obstante estas reservas, esta obra constitui um extenso e rigoroso trabalho de investigação e sistematização da produção historiográfica que, nos últimos vinte anos, vem desbravando caminho à compreensão dos quotidianos mercantis, do seu património, da educação, do patronato e capital cultural. A principal virtude do estudo reside na recolha e análise inédita da contribuição dos mercadores ingleses para a produção de conhecimento, bem como dos seus hábitos e práticas de escrita à luz da influência humanista. Trata-se de um trabalho verdadeiramente inovador que consolida Angus Vine entre os principais intérpretes do chamado “humanismo mercantil” e que dialoga harmoniosamente com a sua obra anterior, *Miscellaneous Order* (2019).

MARIA RITA LOIO

Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura, Faculdade de Letras
mariaritaloio@gmail.com

<http://orcid.org/0009-0007-5023-4015>



¹ Veja-se, p. ex., Peter Burke, *A Social History of Knowledge* (2000), os trabalhos de Francisco Bethencourt sobre redes mercantis sefarditas e a sua produção cultural, ou Florike Egmond sobre colecionadores holandeses e o seu papel no conhecimento sobre história natural.